
Nota:

Recorte do Jornal do Brasil.

Matéria publicada na edição de 12 de Novembro de 1975

Autor: Roberto Pontual

Fonte: Museu de Arte Contemporânea de Campinas

UM DEBATE AINDA EM CAMINHO

Por questões de organização, o debate entre artistas, críticos e público, que deveria constituir a parte mais substancial do X Salão de Arte Contemporânea de Campinas e que se realizou naquela cidade em seções na sexta-feira, sábado e domingo passados, se viu reduzido a um nível bastante inferior de aproveitamento relativamente ao que dele se teria como esperar, sobretudo se atentarmos para as suas circunstâncias muito especiais. Antes de mais nada, houve carência de público, sob dois aspectos: em termos de quantidade (em nenhuma das seções o auditório recebeu um público superior a 100 pessoas) e de qualificação — isto é, para uma mostra cujo propósito fundamental reside no direcionamento didático, sentiu-se a falta de um contingente estudantil maior, o que se agrava por ser Campinas um dos grandes núcleos universitários brasileiros.

Assim, o debate tendeu a reduzir-se a uma conversa de iniciados, com participação acentuada dos membros da mesa e dos próprios artistas entre si, mas com um quase silêncio da parte do público. E não é difícil supor o esforço que custou trazer por três dias à cidade 12 artistas altamente representativos dos distintos caminhos percorridos pela nossa arte no último quarto de século. Imagine-se o encontro e a possibilidade de escutar e debater, de uma só vez, a palavra de artistas como Amílcar de Castro, Antonio Henrique Amaral, Franz Weissmann, Humberto Espindola, João Camara Filho, Maria Leontina, Mário Bueno, Mira Schendel, Nelson Leirner, Rubem Valentim, Sérgio Camargo e Tomie Ohtake, lado a lado com cinco ou seis críticos componentes da Comissão Organizadora (Aline Figueiredo, Aracy Amaral e Frederico Moraes) ou convidados pela Prefeitura local. Vindos das diversas regiões do país, ali eles estavam, disponíveis para a abordagem aberta de suas idéias e obras. No entanto, como observou Olívio Tavares de Araújo, a atitude característica da série de debates foi mais enclausurada do que crítica. Vale dizer, houve, no geral, a tendência a não mergulhar a fundo e francamente nas questões propostas no e através do trabalho de cada um dos artistas, deixando que predominassem os aspectos de superfícies, soltos como balões no ar.

É claro que alguns dos depoimentos (cada artista dispôs de 10 minutos para apresentar verbalmente a evolução de sua obra, acompanhada da projeção de uma sequência de 40 slides) valeram por si mesmos, sobretudo quando lembramos o curdo humor amargo de Weissmann, a voz quase inaudível do lirismo domado em Maria Leontina, a disposição de propor o estudo da categoria da corporeidade em Mira Schendel, a luta pela demarcação de fronteiras entre o nacional e o universal em Valentim, a clareza táctica de Antonio Henrique Amaral e a marca contestatária do sistema da arte na prática de Nelson Leirner. Mas esse acerto da palavra do artista a seu próprio respeito não bastou para dar aos debates do Salão de Campinas o envolvi-



NELSON LEIRNER / início de happening recente: uma bandeira do Corinthians, de enormes proporções, criada pelo artista, foi alçada ao céu por 100 balões a gás, em São Paulo. Depois de alguns dias de viagem, ela acaba de cair nas cercanias da cidade de Campos, abrindo uma série de acontecimentos que a imprensa tem noticiado. Mas uma vez, Leirner propôs uma arte de ação e de rua

mento e o alcance esperados ou, se deu, foi ainda em estado embrionário, coisa em caminho. Como o X Salão tem caráter itinerante, já estando acertada a repetição dos debates pelo menos no Rio e em Brasília, parece-me oportuno investigar os motivos de que resultaram as falhas da primeira experiência.

Supondo que os depoimentos dos artistas dispõem de todos os atrativos necessários ao espetáculo, a Comissão Organizadora descuidou-se de elaborar uma pauta prévia de tópicos cuja função seria a de estabelecer eles entre os vários segmentos de criação ali presentes, justificando a sua escolha em meio a tantos outros nomes possíveis. Na falta disto, os depoimentos, mais ou menos instigantes, perderam-se na sucessão de fatos isolados, informações dispersas, opiniões desligadas de contexto. Apesar das tentativas feitas episodicamente para centralizar o debate em torno de alguns pontos abrangentes — João Camara, por exemplo, propôs que cada artista depusesse sobre suas relações com o mercado de arte — nunca se chegou a dobrar a fundo aquilo que a meu ver teria sido o mais profícuo para a ocasião: o esforço de tornar claras ao máximo as razões que levaram à escolha daqueles

12 artistas, e não de 12 outros inteiramente distintos. Não uma justificativa superficial, disposta a provar apenas que eles ali estavam por merecimento curricular. Mas a comprovação dos caminhos da arte brasileira que eles tão bem representam. O exercício de realçar e interligar esses caminhos teria correspondido melhor aos propósitos didáticos do Salão, em lugar da atenção quase exclusiva que se deu aos depoimentos isolados, importantes mas solitários.

Na verdade, creio que o mérito maior da escolha dos 12 artistas que compõem o atual Salão de Campinas está exatamente no fato de o conjunto nos proporcionar uma visão panorâmica eficaz, ainda que reduzida a microcosmo, de ampla parcela das principais tendências em jogo na arte brasileira dos últimos 25 anos. Não é que ali esteja tudo — isto não seria possível e nem mesmo conveniente; mas está o que importa para se dispor de elementos definitivamente comprobatórios do que se deve tomar como sintomas característicos do período. Sintomas também, felizmente, de um vigor criativo que a sua reunião e comparação acentuam como nunca. O panorama vai da elaboração da fonte popular em termos construtivos na pintura de Rubem Valentim aos diferentes níveis de ascense geométrica, purificada por completo de referências ao mundo real, na escultura de Weissmann, Sérgio Camargo e Amílcar de Castro. Vai também da figuração explícita e crítica de Antonio Henrique Amaral, João Camara Filho e Humberto Espindola — protótipos de três pólos de cultura no Brasil: São Paulo, o Nordeste e o Centro-Oeste — até as zonas intermediárias entre o criar o novo e o refletir o prévio, que marcam a pintura de Maria Leontina, Mira Schendel e Mário Bueno. E engloba, por fim, desde a tensionada abstração de origem oriental de Tomie Ohtake à irreverência da sucessão de happenings críticos da arte, que tem sido a base da atuação de Nelson Leirner. Reunido esse microcosmo, o que se precisa agora é aproveitá-lo ao máximo e em profundidade, como forma de nos conhecermos.



HUMBERTO ESPINDOLA - Bovinocultura
montagem com couro marcado,
arame e crachá / 1970